

A casa do número apagado

12-ano · conto-original

A casa da esquina perdera o número quando pintaram a fachada. Durante semanas, o carteiro deixou as cartas no café, onde o proprietário passava todas as manhãs. Eu via esse desvio da janela e chamava-lhe uma pequena desordem sem importância. O meu pai, que guardava envelopes antigos numa gaveta, dizia que uma morada precisava de ser legível mesmo para quem não conhecesse as pessoas. Eu respondia que, naquela rua, o café chegava.

No verão, o café fechou durante alguns dias. Uma carta regressou ao remetente e o proprietário da casa apareceu à nossa porta para pedir ajuda. Trazia nas mãos a cópia de uma notificação que chegara tarde. O meu pai procurou o envelope na gaveta para lhe mostrar como o endereço fora escrito noutra ocasião. Enquanto os dois comparavam linhas, reparei que o número antigo aparecia num desenho da fachada feito por mim em criança.

Ofereci o desenho com entusiasmo. Imaginava que a imagem restituiria à casa a identidade perdida. O proprietário agradeceu, mas perguntou se a porta que eu desenhara era a mesma. Tinham-na deslocado numa obra posterior. A memória da fachada conservava um número, mas não dizia onde o colocar agora. Senti a irritação breve de quem traz uma solução e recebe uma pergunta.

Fomos à rua. O meu pai levou o envelope; eu, o desenho. O proprietário abriu a porta nova e apontou para o lugar onde a antiga estivera. Combinámos as indicações, sem fingir que os dois papéis mostravam a casa no mesmo momento. Depois ele procurou a documentação da obra e confirmou a identificação da entrada atual. Só então comprou uma placa. Não era a imagem da infância que faltava à parede; era um sinal que pudesse orientar alguém sem a nossa conversa.

Quando o café reabriu, o carteiro já entregava as cartas à porta certa. Guardei o desenho, mas retirei-lhe o título «A casa como era» e escrevi «A casa que eu desenhei». A alteração parecia reduzir o seu alcance. Para mim, dava-lhe um lugar mais exato. O envelope do meu pai voltou à gaveta, com uma nota sobre a data em que fora consultado.

Meses depois, passei pela esquina com um amigo que desconhecia a história. Ele leu o número e seguiu caminho. Tive vontade de lhe contar o café, a carta e os papéis. Fiquei calado por um instante, satisfeito com o que a placa conseguia fazer sem nós. A rua continuava cheia de memórias; a morada deixara de depender delas para ser encontrada.

remetente · Pessoa ou entidade que envia uma carta.

restituir · Devolver algo ou recuperar uma condição anterior.

Escolhe uma opção.

1. Que mudança liga a opinião inicial do narrador à satisfação final?

1. Passa de aceitar um acordo local a valorizar um sinal legível por desconhecidos.

2. Abandona a memória da infância por considerá-la incompatível com documentos.

3. Conserva a preferência pelo café para orientar quem ainda não conhece a rua.

Escolhe uma opção.

2. Por que o desenho não resolve sozinho o problema da placa?

1. Regista o número de uma casa vizinha usado pelo carteiro.

2. Representa uma fachada de antes da obra que deslocou a porta.

3. Mostra a porta atual, mas omite o café onde se guardavam cartas.

Escolhe uma opção.

3. O que sugere a irritação breve do narrador?

1. O entusiasmo pela solução antecederia a análise da pergunta real.

2. A gratidão do proprietário foi interpretada como recusa da imagem.

3. O pai tinha escondido o envelope para privilegiar a documentação da obra.

Escolhe uma opção.

4. Que efeito produz mudar «A casa como era» para «A casa que eu desenhei»?

1. Retira ao desenho o valor de memória que o envelope conserva integralmente.

2. Atualiza o desenho para que represente a porta deslocada durante a obra.

3. Situa a imagem no olhar do autor em vez de a apresentar como descrição completa.

Escolhe uma opção.

5. Como a placa funciona na conclusão do conto?

1. Substitui as memórias da rua por um passado confirmado na documentação.

2. Representa o acordo de deixar cartas no café mesmo depois da sua reabertura.

3. Condensa a passagem de uma orientação pessoal para uma referência partilhável.

Indica se a afirmação é verdadeira ou falsa.

6. Os documentos e o desenho tornam-se úteis quando as diferenças temporais entre eles são reconhecidas.
